

O USO DAS GÍRIAS PELOS MILITARES

THE USE OF SLANG BY THE MILITARY

Fábio Fernandes Neres **1**
Rivadavia Porto Cavalcante **2**

Resumo: Este artigo investiga o uso de gírias no contexto militar, analisando suas funções comunicativas, implicações práticas e os impactos no cotidiano profissional dos militares. Fundamentado nas teorizações da língua como prática social o estudo explora como essas expressões linguísticas emergem, se consolidam e contribuem para a eficácia da comunicação em operações militares. Por meio de entrevistas e observações realizadas com policiais militares, os resultados evidenciam que o uso de gírias é uma estratégia linguística fundamental para fomentar a coesão do grupo, facilitar a interação em cenários operacionais e reforçar a identidade profissional. O trabalho também discute as dinâmicas de formação dessas gírias e sua relevância para a eficiência e o sucesso das ações no contexto militar

Palavras-chave: Comunicação Militar. Gíria. Interação Linguística.

Abstract: This article investigates the use of slang in the military context, analyzing its communicative functions, practical implications and impacts on the professional daily lives of military personnel. Based on theories of language as a social practice, the study explores how these linguistic expressions emerge, consolidate and contribute to effective communication in military operations. Through interviews and observations with military police officers, the results show that the use of slang is a fundamental linguistic strategy for fostering group cohesion, facilitating interaction in operational scenarios and reinforcing professional identity. This study also discusses the dynamics of the formation of these slang terms and their relevance to the efficiency and success of actions in the military context

Keywords: Military communication. Slang. Linguistic Interaction.

-
- 1** Especialista em Educação infantil em séries iniciais pela Faculdade Batista de Minas Gerais (FBMG), Licenciado em Letras pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO), Professor da Educação básica da Rede Municipal de Palmas - Tocantins. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1376742859009120>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5199-6548>. E-mail: fabio.f.neres@gmail.com
 - 2** Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É Professor-Pesquisador atuante na área de Linguagem (Português/Inglês) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO) e no Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT (IFTO). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0253765727453200>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6568-7910>. E-mail: riva@ifto.edu.br

Introdução

Nas últimas décadas, a linguagem tem sido amplamente reconhecida como um elemento central na constituição de identidades coletivas e na organização de práticas socioprofissionais. Entre as manifestações linguísticas que emergem em diferentes contextos, as gírias e os jargões se destacam por desempenharem funções comunicativas e sociais específicas, sendo amplamente utilizados por grupos profissionais, como advogados, médicos, atletas e, especialmente, militares, foco deste estudo.

No contexto militar, a gíria ultrapassa o papel de mero recurso linguístico informal, consolidando-se como um instrumento estratégico. Caracteriza-se por ser uma linguagem cifrada, de difícil decodificação por indivíduos externos ao grupo, garantindo rapidez, eficiência e segurança na comunicação em ambientes operacionais. Além de sua função prática, essas expressões linguísticas reforçam a coesão interna, promovem um sentimento de pertencimento e contribuem para a construção de uma identidade coletiva, diferenciada dos demais grupos sociais.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo central investigar os usos e as funções das gírias militares no âmbito profissional, com ênfase em sua relevância comunicativa, estratégica e sociocultural. A pesquisa buscou responder às seguintes questões: quais são os objetivos específicos do uso de gírias pelos militares? De que maneira essas práticas linguísticas impactam a dinâmica laboral e a interação social no contexto militar?

A relevância deste estudo reside na ampliação do conhecimento sobre as práticas comunicativas no ambiente militar, especialmente em um contexto pouco explorado academicamente, como a comunicação em batalhões militares do Tocantins. Compreender as implicações do uso de gírias militares transcende a análise linguística, permitindo reflexões sobre os desdobramentos dessas práticas para a interação social, a formação identitária e as dinâmicas de poder dentro e fora do contexto militar. Dessa forma, o trabalho não apenas contribui para o enriquecimento do campo de estudos sobre linguagens específicas, mas também promove um olhar crítico sobre as interseções entre linguagem, cultura e sociedade no âmbito profissional.

A Língua como prática social

Pesquisadores e estudiosos das funções e das práticas sociais da linguagem e da comunicação humana (Correia, 1961; Câmara junior, 1997; Bezerra, 2000; Patriota, 2007; Martelotta, 2011; Weiss, 2016, entre outros) destacam que a gíria está presente em diversas esferas da sociedade, incluindo trabalho, educação, lazer e ambiente familiar. No entanto, seu uso eficaz requer domínio das variedades linguísticas apropriadas a cada situação comunicativa. A gíria é frequentemente vista como um conjunto de unidades linguísticas associadas a um grupo social específico, predominando na modalidade oral e no registro informal (Preti, 2007).

O estudo de jargões, calões e gírias apresenta desafios de definição e distinção, uma vez que os três termos frequentemente são tratados como sinônimos. Para compreender suas nuances e a relação com o contexto militar, é necessário abordar sua evolução histórica e relevância em contextos específicos, desde os estudos mais remotos até os tempos contemporâneos (Câmara, 1997; Uchôa, 2005)

Acerca desse processo evolutivo das práticas comunicativas em Bakhtin (1997, p. 124), tem-se que a língua não é um sistema abstrato ou limitado ao psiquismo individual, mas um fenômeno social que vive e evolui na comunicação verbal concreta. Para ele, a interação verbal e as enunciações constituem a essência da linguagem, que é, por sua natureza, essencialmente dialógica.

Essa perspectiva social da linguagem oferece uma base teórica importante para a compreensão das gírias militares como elementos inseridos em práticas sociodiscursivas específicas. Em outros termos, essas práticas comunicativas são produtos da interação dinâmica entre os participantes da esfera militar e os contextos específicos em que atuam, revelando tais expressões como uma linguagem viva, adaptada e essencial para a prática profissional.

Em uma perspectiva convergente, ante o exposto, temos em Vygotsky (2007), que o ambiente social desempenha um papel crucial no desenvolvimento cognitivo e linguístico. Em

virtude disso, a internalização de conhecimentos provenientes do contexto externo contribui para a formação sociocultural do indivíduo. Essa base teórica oferece subsídios bastante pertinentes para compreender como os usos da língua, incluindo gírias, refletem e respondem às dinâmicas sociais e culturais.

A Gíria e o jargão: identidade e função

O estudo das gírias e dos jargões revela aspectos fundamentais da linguagem enquanto prática social, evidenciando suas funções identitárias e comunicativas. Segundo Bezerra (2000), as gírias consistem em expressões linguísticas características de grupos sociais específicos, frequentemente associadas à oralidade e a registros informais. No entanto, o estudo das gírias foi historicamente negligenciado devido à predominância da norma culta e escrita nos estudos linguísticos. Câmara Jr. (1997) reforça essa perspectiva ao descrever a gíria como uma atitude estilística que deliberadamente desafia as normas linguísticas estabelecidas, incorporando elementos de vivacidade, humor e irreverência.

A gíria, portanto, não é apenas um fenômeno linguístico superficial, mas um estilo de uso da língua que reflete tanto aspectos coletivos quanto individuais (Correia, 1961; Weiss, 2014; Gusmão, 2016). De acordo com Bagno (2007) e Patriota (2007), a natureza dinâmica e efêmera das gírias decorre de sua constante transformação sob a influência de fatores culturais, geográficos e históricos. Nesse contexto, as práticas linguísticas individuais encontram suas raízes em dinâmicas sociais mais amplas, conferindo às gírias um papel essencial na construção da identidade e do pertencimento grupal.

Entre os exemplos mais notáveis de linguagem especializada, os jargões militares destacam-se por sua função de atender às demandas comunicativas e identitárias dessa comunidade específica. Segundo Correia (1961), os jargões frequentemente incorporam criações locais, dialetos e até elementos de línguas estrangeiras, funcionando como códigos internos que reforçam a coesão grupal. Contudo, a disseminação desses códigos para fora do grupo pode diluir seu significado original, adaptando-os a novos contextos sociais.

Conforme evidenciado nos estudos linguísticos, as gírias e os jargões podem ser definidos como conjuntos de unidades linguísticas que englobam itens lexicais simples, expressões complexas, frases e interjeições (Patriota, 2006). Ainda que associados predominantemente à modalidade oral e a registros informais, essas manifestações desempenham um papel significativo na configuração dos repertórios linguísticos dos grupos sociais (Bezerra, 2000; Weiss, 2014; Bortoni-Ricardo, 2014; Gusmão, 2016). Apesar disso, tais expressões foram, historicamente, marginalizadas nos estudos normativos, que privilegiaram a análise da língua padrão escrita. Essa exclusão pode ser observada em gramáticas tradicionais da língua portuguesa, nas quais as gírias recebem pouca ou nenhuma atenção.

O campo estilístico oferece uma abordagem teórica relevante para a compreensão das gírias e jargões, permitindo a análise de sua função social e individual. Uchôa (2005) identifica duas vertentes principais no estudo do estilo: uma centrada nos aspectos sociais e outra voltada para as dimensões individuais. Contudo, essas perspectivas não são excludentes. O vínculo entre o social e o individual sugere que mesmo manifestações aparentemente pessoais, como o uso de gírias, são marcadas por identidades coletivas e sentimentos de pertencimento.

A gíria, segundo Preti (2007), pode ser compreendida como uma atitude linguística de desrespeito intencional à norma estabelecida, afirmando sua entidade pelo contraste com a norma culta da língua. Esse contraste é marcado por uma combinação de vivacidade, irreverência e efemeridade, características que a tornam transitória e adaptável. Sua integração à língua comum em contextos mais populares demonstra sua relevância como expressão cultural e como mecanismo de interação entre o coletivo e o individual.

Assim, a gíria transcende o caráter meramente individual, consolidando-se como um recurso linguístico que reflete o pertencimento a um grupo social em um contexto histórico específico. Enquanto fenômeno social, ela promove a identidade cultural, a coesão grupal e a exclusividade comunicativa, desempenhando um papel central na complexa dinâmica entre linguagem, cultura e sociedade (Correia, 1961; Bortoni-Ricardo, 2014; Weiss, 2014; Gusmão, 2016).

A literatura revisada demonstra que gírias e jargões não são apenas formas de comunicação, mas também instrumentos de construção de identidade e expressão cultural. Em contextos como os jargões militares, essas linguagens cumprem funções práticas e simbólicas, configurando-se como um microcosmo das dinâmicas sociais mais amplas. Essa abordagem teórica estabelece a base para a análise dos jargões militares no contexto contemporâneo, explorando suas implicações sociais, linguísticas e culturais.

Metodologia

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, com objetivo exploratório e descritivo, caracterizada pelo aprofundamento na compreensão dos fenômenos sociais (Prodanov;Freitas, 2013). Notadamente os fenômenos linguísticos relacionados ao uso de gírias e jargões na comunicação em contexto do trabalho militar.

Uma pesquisa de campo foi realizada com a participação voluntária de três policiais do 6º Batalhão da Polícia Militar do Tocantins (6ºBPM) em Palmas, capital do estado, no mês de agosto de 2019.

Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado um Roteiro de entrevista semiestruturada, composto por cinco perguntas: (1) Você utiliza gírias na comunicação em seu trabalho? (2) Por quais motivos você utiliza este modo de comunicação? (3) Poderia nos fornecer exemplos de gírias utilizadas no trabalho militar (4) Como ocorre o entendimento comunicativo entre militares do seu grupo por meio das gírias utilizadas? (5) Quais são os principais problemas de comunicação que você tem observado nas interações que envolvem o uso de gírias?

Esse tipo de entrevista permite maior flexibilidade na obtenção de informações, possibilitando que os entrevistados expressem suas percepções e experiências de forma mais espontânea e detalhada (Manzini, 1991).

As entrevistas buscaram compreender o uso de gírias no ambiente de trabalho, suas funções comunicativas e os desafios associados à sua utilização. Para garantir maior profundidade e relevância, o roteiro das entrevistas foi elaborado com base em estudos prévios sobre a temática, incluindo as contribuições de estudiosos das práticas sociais da língua portuguesa (Bezerra, 2000; Uchôa, 2005; Patriota, 2007, Preti, 2007, entre outros), que abordam as gírias e seus contextos sociais e profissionais.

Após a coleta dos dados, as respostas foram organizadas em uma tabela que facilitou a categorização e análise do conteúdo das narrativas dos participantes. A análise foi conduzida com base no método de análise temática, que consiste na identificação, exame e interpretação de padrões ou temas presentes nas respostas dos participantes, conforme Bardin (2011). Cada pergunta do roteiro foi analisada individualmente, permitindo que as informações fossem agrupadas em categorias principais relacionadas ao uso, compreensão e implicações das gírias no meio militar.

Adicionalmente, a pesquisa fundamentou-se em uma revisão de fontes teóricas que incluiu artigos científicos e estudos publicados sobre os usos das gírias e jargões, tanto no contexto militar quanto em outros ambientes sociais. Essas fontes foram essenciais para contextualizar o tema e oferecer subsídios teóricos para a análise dos dados coletados.

Resultados e discussão

Para os fins de discussão do resultado obtido com a análise das entrevistas realizadas com os participantes deste estudo, categorizou-se, no quadro analítico a seguir, os relatos emergidos de suas respostas ao roteiro de perguntas utilizados.

Tabela 1. Relatos sobre a comunicação por meio da gíria militar

<p>1.Você utiliza gírias no seu trabalho?</p>	<p>M1 Sim, falo gírias militar no meu trabalho M2 cara, utilizo sim, utilizamos bastante gírias aqui M3 Usamos gírias sim, sempre usamos gírias no meio militar</p>
<p>2.Por quais motivos ou propósitos você utiliza este modo de comunicação?</p>	<p>M1 Aprendo no “EB” (exército Brasileiro) e levei isso para a minha vida. Todos os militares aqui falam em gírias. M2 facilita a comunicação entre a gente e, porque todos conhecem e é meio de interação e evita que os civis que não convivem no mundo militar conheçam ou saibam nossas conversas M3 Para simplificar o modo de conversar, tem coisas que geralmente só militares é que vão entender, muitas vezes uma informação sigilosa você consegue repassar para um colega que vai compreender essa informação através de um gíria</p>
<p>3.Exemplo de Gírias utilizadas no trabalho militar</p>	<p>M1 Arrego (deus me livre), Caga pau (não está nem aí), padrão (algo bem feito), molambo (militar desajeitado), Positivo (tudo certo em termos de instrução), Brasil (a disposição para defender a nação). M2 Bixu, Bizurado (um cara esperto), Mulambo (um cara relaxado), Caxias (um cara muito dedicado), Bom (que pode variar de muito bom ou obrigado), Bizonho(um cara inexperiente), Torar(dormir), Felpe (fácil), Felpudo (confortável) M3 Guerreiro (alguém que veio de fora), Qap (pronto para agir), Tá disnil aqui (algo deu errado), Saf (militar disposto),</p>
<p>4.Como ocorre o entendimento comunicativo entre militares do seu grupo por meio das gírias utilizadas?</p>	<p>M1 Nós dialogamos entre nós e todos os militares já sabem usar essas gírias. M2 Ocorre de acordo com a convivência. Os militares que dão instruções falam com os alunos em gírias para podermos aprender M3 nem sempre todos nós entendemos as gírias, tem gíria que é utilizada em mais de um estado, têm gírias que são utilizadas mais dentro do batalhão</p>
<p>5.Quais são os principais problemas de comunicação que você observa nas interações que envolvem o uso de gírias?</p>	<p>M1 Entre nós não há problema de comunicação, mas os que não são militares têm problemas pra saber o que estamos conversando. M2 Os problemas de compreensão depende do tom de voz, uma mesma palavra pode variar bastante de acordo com o uso da frase, a palavra “bom” pode variar bastante e tem vários significados.Depende do contexto e do tom de voz de quem está falando. M3 Se um de nós não entender o significado da gíria, pede para repetir e assim vai criando um senso comum, é questão de ambientalização, um militar que vem de outra força militar ou federação propaga a sua gíria na região.</p>

Fonte: Tabela gerada com relatos extraídos de entrevistas com militares. Elaboração dos autores (2024).

Os dados extraídos das entrevistas com os três militares participantes deste estudo evidenciam que a comunicação no ambiente laboral militar é significativamente marcada pelo uso de gírias. Os enunciados transcritos, como “sim, falo gírias” (M1), “utilizamos bastantes gírias” (M2) e “sempre usamos gírias no meio militar” (M3), demonstram que essas variantes linguísticas não apenas estão integradas à prática cotidiana dos militares, mas também desempenham papéis específicos no contexto interacional desse grupo.

As narrativas revelam que as gírias são elementos fundamentais da cultura linguística militar, configurando-se como práticas languageiras que atendem às demandas de interação e funcionalidade dentro dessa esfera da atividade social. Conforme Bakhtin (1997), na teoria da Estética da Criação Verbal, cada esfera da atividade humana possui enunciados específicos que respondem às suas exigências comunicativas. No caso do contexto militar, as gírias emergem como um recurso linguístico que serve tanto para a realização eficiente das atividades profissionais quanto para a construção de identidade e coesão grupal.

Essa função social da língua evocada em Bakhtin (1997, 2006) torna-se ainda mais evidente nas respostas dos militares sobre os motivos e propósitos comunicativos associados ao uso de variantes linguísticas específicas, como as gírias, no contexto profissional.

Os depoimentos dos participantes evidenciam que a prática linguística das gírias militares é moldada pelas necessidades e pelos objetivos específicos da ação comunicativa. O relato de M1 destaca a dimensão pedagógica e cultural dessas expressões: “Aprendo no ‘EB’ (Exército Brasileiro) e levei isso para a minha vida. Todos os militares aqui falam em gírias”. Esse testemunho revela como as gírias são assimiladas durante o processo de formação militar, desempenhando um papel significativo na construção do repertório linguístico dos profissionais e na perpetuação de tradições culturais ao longo da carreira.

Esse aprendizado social não apenas facilita a comunicação no ambiente laboral, mas também contribui para a construção e continuidade de uma identidade cultural coletiva entre os membros do grupo. As gírias, assim, tornam-se um marcador simbólico (cf. Vygotsky, 2007) que reforça o sentimento de pertencimento à comunidade militar.

No relato de M2 constatou-se que as gírias facilitam sua comunicação e funcionam como um código que caracteriza a comunidade militar, as gírias “facilitam a comunicação entre a gente” e “evitam que os civis que não convivem no mundo militar conheçam ou saibam nossas conversas”. Nesse sentido, as gírias funcionam como um código linguístico interno, utilizado para promover interações rápidas e eficazes enquanto protegem informações sensíveis do acesso externo. Essa exclusividade comunicativa é particularmente significativa em um contexto que frequentemente lida com questões estratégicas e sigilosas, assegurando que as trocas de informações permaneçam restritas aos integrantes do grupo.

Dos relatos de M3 emergiram a simplicidade e eficiência na Interação comunicativa “Para simplificar o modo de conversar, tem coisas que geralmente só militares é que vão entender”. Reforça o papel das gírias como ferramentas de simplificação e agilidade comunicativa. Esse uso estratégico atende às demandas de situações de trabalho que exigem rapidez e precisão, ao mesmo tempo em que mantém a coesão do grupo por meio de uma linguagem compartilhada. Dessa forma, as gírias não são apenas elementos linguísticos, mas também facilitadores práticos das dinâmicas de interação no ambiente laboral militar (Preti, 2007; Weiss, 2014; Gusmão, 2016)

No que se refere aos exemplos de gírias utilizadas no trabalho militar, evidenciou-se nos relatos de M1, M2, e M3 um repertório linguístico característico que desempenha múltiplas funções no contexto profissional. Essas expressões, frequentemente dotadas de significados específicos, refletem não apenas as peculiaridades da cultura militar, mas também as dinâmicas sociais e comunicativas dessa esfera laboral.

A identidade e o pertencimento do coletivo profissional são manifestados em gírias como “Brasil” (M1), “Guerreiro” (M3) e “Saf” (M3), denotando valores compartilhados que reforçam o sentimento de pertencimento ao grupo militar. Esses termos ajudam a consolidar uma identidade coletiva, associada à disposição, ao patriotismo e ao esforço conjunto para cumprir as missões institucionais (Correia, 1961; Gusmão, 2016)

Gírias relacionadas que se referem ao comportamento ou atitudes dos colegas, evidenciando a relação entre hierarquia e conduta: “Molambo” (M1) e “Mulambo” descrevem alguém desleixado ou desajeitado, “Caxias” (M2): indica um militar altamente dedicado e disciplinado, “Bizonho” (M2): refere-se a alguém inexperiente, possivelmente em treinamento.

Essas expressões revelam avaliações implícitas do desempenho e da postura dos indivíduos dentro do ambiente militar, destacando a importância de comportamentos alinhados com as normas do grupo (Bezerra, 2000; Preti, 2007).

A eficiência e a operacionalidade comunicativa são manifestadas na simplificação dos

diálogos para agilizar ações no contexto militar. Isso fica evidente em expressões como: “Positivo” (M1): confirma a execução ou compreensão de uma instrução, “QAP” (M3): indica prontidão para agir, “Tá disnil aqui” (M3): assinala problemas ou algo que deu errado.

Os dados analisados indicaram que as gírias militares funcionam como comandos rápidos e eficientes, essenciais em situações que demandam agilidade e precisão comunicativa.

Também foi identificado o uso de gírias relacionadas ao humor e ao cotidiano, como “Arrego” (M1, Deus me livre), “Torar” (M2, dormir) e “Felpo/Felpudo” (M2, fácil/confortável). De acordo com os participantes, essas expressões desempenham um papel importante no reforço da coesão social e no fortalecimento das relações interpessoais entre os membros do grupo. Esse uso evidencia as gírias como ferramentas de integração e convivência no contexto profissional militar, contribuindo para a dinâmica social e comunicativa da corporação.

As respostas à quarta pergunta indicam, por meio dos relatos dos participantes, que a comunicação entre os militares é mediada por processos de interação, convivência e o compartilhamento de repertórios linguísticos específicos ao contexto militar. A convivência e a aprendizagem coletiva são refletidas nos enunciados dos três entrevistados, como exemplificado pelo depoimento de M1: “Nós dialogamos entre nós e todos os militares já sabem usar essas gírias”. Esse relato evidencia que as gírias estão profundamente enraizadas na rotina comunicativa do grupo militar, funcionando como um elemento essencial para a construção e a manutenção da identidade e coesão do grupo.

M2: “Ocorre na convivência”, posto que os militares experientes falam e dão instruções em gírias para que todos possam aprender. O relato de M2 destaca o papel do processo pedagógico nas forças armadas, onde os instrutores utilizam gírias para integrar os novos integrantes ao léxico militar. Isso evidencia que a transmissão dos saberes com mediação das gírias está associada a um aprendizado tácito, realizado por meio da convivência e da prática cotidiana. Esse repertório é naturalizado, formando uma linguagem comum que facilita a interação comunicativa onde os menos experientes aprendem com os mais proficientes das gírias que são os signos e os códigos linguísticos locais (cf. Bezerra, 2000; Bakhtin, 2006; Vygotsky, 2007) cotidiana.

No relato de M3 evidencia-se a variabilidade regional e contextual “Nem sempre todos nós entendemos as gírias, tem gíria que é utilizada em mais de um estado, têm gírias que são utilizadas mais dentro do batalhão”. Este revela que, apesar de haver uma base linguística compartilhada, o uso de gírias pode variar de acordo com a localidade ou o grupo específico dentro da instituição militar. Essa variação reflete a diversidade cultural e linguística presente nas forças militares (Weiss, 2014), o que pode gerar desafios momentâneos até que os significados sejam aprendidos.

No que tange aos principais problemas de comunicação nas interações que envolvem o uso de gírias entre os militares, evidenciou-se no relato de M1 barreiras para civis e contextos externos. “Entre nós não há problema de comunicação, mas os que não são militares têm problemas pra saber o que estamos conversando”. Este enunciado aponta que a comunicação interna entre militares é eficaz, mas o uso de gírias pode se tornar um elemento de exclusão para aqueles que não pertencem ao grupo, como civis ou membros de outras instituições.

O relato de M2 evidencia a dependência do contexto e da prosódia para a interpretação das gírias, ao afirmar que “os problemas de compreensão dependem do tom de voz”, e que uma mesma palavra pode adquirir “vários significados” conforme a intenção comunicativa. Esse dado destaca que a interpretação das gírias é influenciada por fatores contextuais, como a entonação e o ambiente em que são empregadas, corroborando análises de Bezerra (2000), Uchôa (2005), Preti (2007) e Gusmão (2016). No entanto, tal característica pode gerar ambiguidades na comunicação, especialmente para novos integrantes ou em situações de interação menos frequente. Esses achados ressaltam o caráter multifuncional das gírias na construção dos sentidos, evidenciando sua relevância na dinâmica da comunicação cotidiana no contexto militar.

O relato de M3 destaca que os desafios de compreensão são superados por meio de um processo de adaptação gradual, no qual o diálogo e a repetição desempenham um papel central na construção de um léxico compartilhado. Além disso, observa-se que gírias provenientes de outras regiões ou corporações podem ser incorporadas ao vocabulário militar, contribuindo para o enriquecimento e a diversificação do repertório linguístico do grupo.

A amostra de gírias analisadas reforça que seu uso no contexto militar desempenha um

papel fundamental na promoção da coesão grupal, embora apresente desafios ocasionais relacionados à variação regional e ao contexto de uso. Sob a perspectiva bakhtiniana, observa-se que os militares se apropriam das gírias como enunciados situados, moldados pelas necessidades comunicativas específicas da esfera militar. Esse processo de construção e circulação de sentidos linguísticos evidencia tanto a funcionalidade quanto a criatividade da linguagem, destacando seu papel adaptativo e estratégico no ambiente profissional.

Conclusão

Neste artigo, foram discutidos os resultados de uma pesquisa exploratória realizada no contexto laboral do 6º Batalhão da Polícia Militar do Tocantins (6ºBPM) em Palmas, capital do estado do Tocantins. O referencial teórico e metodológico adotado mostrou-se adequado para a coleta e análise dos dados, que foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas com três militares atuantes nesse ambiente. Os depoimentos dos participantes responderam às questões de pesquisa, evidenciando que o uso de gírias desempenha um papel estratégico na execução das atividades militares. Essa prática comunicativa demonstrou ter um impacto positivo na interação entre os militares, facilitando a mediação da comunicação e ampliando as possibilidades para a realização das tarefas no contexto investigado.

Além disso, o estudo revelou que essa prática linguístico-comunicativa contribui para a formação de um *ethos* profissional que distingue os militares de outros grupos sociais, ao mesmo tempo em que facilita a interação dentro do grupo. As gírias analisadas refletem as particularidades culturais e linguísticas da esfera militar. Assim, a investigação do uso de gírias neste contexto possibilitou a compreensão de como as práticas linguísticas são adaptadas e mobilizadas em resposta às demandas sociais e profissionais de uma comunidade específica.

Referência

- BAGNO, Marcos. **Nada da Língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 12. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Ed. 70, 2011.
- BEZERRA, Maria. Auxiliadora. A gíria: do registro coloquial ao registro formal. In: **IV Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, 2000, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF, 2000. v. 3. p. 37-51. Disponível em: http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ03_37-51.html. Acesso em: 15 set. 2019.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **Problemas de linguística descritiva**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CORREIA, Jonas. **Introdução ao vocabulário de gíria militar**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, 1961.
- GUSMÃO, Célia Regina Rodrigues. **O linguajar verde-oliva**. Curitiba: Prismas, 2016.

MARCONI, Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. - São Paulo: Atlas, 2017.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1991.

PATRIOTA, Luciene Maria. Atitudes linguísticas frente às gírias: o preconceito. *In: XI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação, Anais [...]*, 2007, São José dos Campos. O paradigma do desenvolvimento sustentável, 2007. p. 3353-3355. Disponível em: http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2007/trabalhos/artes/epg/EPG00029_010.pdf. Acesso em out. 2019. Acesso em: 18 out. 2019.

PRETI, Dino. Fioravante. **O léxico na linguagem popular: a gíria**. 2007. Disponível em <https://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inline-files/S1802.pdf>. Acesso em 15 Set de 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo/RS: Feevale, 2013. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 04 fev 2019.

UCHÔA, Carlos. Eduarddo. Falcão. Mattoso Câmara e a língua oral. Mattoso Câmara e os estudos linguísticos no Brasil. **Estudos da Língua(gem)**, v. 1, p. 67-78, 2005. Disponível em: <file:///C:/Users/rivas/Downloads/995-Manuscrito%20em%20formato%20word%20com%20todos%20os%20dados-1667-1-10-20170905.pdf>. Acesso em: 12 set. 2019

VYGOTSKY, Lev. Semionovitch. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007. (Psicologia e Pedagogia).

WEISS, Elisabeth Sumbercki. **Varição linguística: O jargão militar no colégio militar de Porto Alegre**. Uniritter, 2014. Disponível em: https://www.uniritter.edu.br/uploads/eventos/sepesq/x_sepesq/arquivos_trabalhos/2968/291/278.pdf. Acesso em: 10 Set. 2019.

Recebido em 14 de dezembro de 2021
Aceito em 26 de maio de 2024